

Mateus e Mateusa, de Qorpo Santo

Fonte:

LEÃO, José Joaquim de Campos (Qorpo Santo), "Mateus e Mateusa". *Teatro Completo*. Guilhermino César (org.). Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro/ Fundação Nacional de Arte, 1980. p. 87-101 (Clássicos do Teatro Brasileiro, 4).

Texto proveniente de:

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Texto-base digitalizado por:

Selma Suely Teixeira, Curitiba - PR

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <bibvirt@futuro.usp.br>.

Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quer ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <bibvirt@futuro.usp.br> e saiba como isso é possível.

MATEUS E MATEUSA Qorpo Santo

Personagens

Mateus, velho de 80 anos

Mateusa, idem

Catarina

Pêdra e filhas

Silvestra

Barriôs, criado

ATO PRIMEIRO

Cena Primeira

MATEUS (*caminhando em roda da casa; e Mateusa assentada em uma cadeira*) – Que estão fazendo as meninas, que ainda as não vi hoje?!

MATEUSA (*balançando-se*) – E o Sr. Que se importa, Sr. Velho Mateus, com as suas filhas?

MATEUS (*voltando-se para esta*) – Ora é boa esta! A Sra. Sempre foi, é, e será uma (*atirando com a perna*) – não só impertinente, como atrevida!

MATEUSA – Ora, veja lá, Sr. Torto (*levantando-se*), se estamos no tempo em que o Sr. A

seu belo prazer me insultava! Agora eu tenho filhos que me hão de vingar

MATEUS (*abraçando-a*) – Não; não, minha querida Mateusa; tu bem sabes que isso

não

passa de impertinências dos 80. Tem paciência. Vai me aturando, que te hei de deixar minha universal herdeira (*atirando com uma perna*) do reumatismo que o demo do teu Avô torto meteu-me nesta perna! (*atirando com um braço*) das inchações que todas as primaveras arrebetam nestes braços! (*abrindo a camisa*) das chagas que tua mãe com seus lábios de vênus imprimiu-me neste peito! E finalmente (*arrancando a cabeleira*): da calvície que tu me pegaste, arrancando-me ora os cabelos brancos, ora os pretos, conforme as mulheres com quem eu falava! Se elas (*virando-se para o público*) os tinham pretos, assim que a sujeitinha podia, arrancava-me os brancos, sob o frívolo pretexto de que me namoravam! Se elas os tinham brancos, fazia-me o mesmo, sob ainda o frivolíssimo pretexto de que eu as namorava (*batendo com as mãos, e caminhando*). E assim é; e assim é, - que calvo! calvo, calvo, calvo, calvo, calvo (*algum tanto cantando*) calvô... calvô... calvô... ô...ô...ô!...

MATEUSA (*pondo as mãos na cabeça*) – Meu Deus! Que homem mais mentiroso! Céus!

Quem diria que ainda aos 80 este judeu-errante havia de proceder como aso quinze, quando roubava frutas do Pai!

MATEUS (*com fala e voz muito rouquenha*) – Ora, Sra.! Ora, Sra.! Quem, quem lhe disse

essa asneira?! (*Profere estas palavras querendo andar e quase sem poder. É este o todo do velho em todos os seus discursos.*)

MATEUSA (*empurrando-o*) – Então para que fala de mim a todas as moças que aqui vêm,

Sr., chino?! Para quê, hem? Se o Sr. não fosse mais namorador que um macaco preso a um cepo, certamente não diria – que sou velha, feia e magra! Que sou doente de asma; que tenho uma perna mais curta que a outra; que... que... finalmente, que já (*voltando-se com expressão de terror*) não lhe sirvo para os seus fins de (*pondo a mão em um olho*) de... O Sr. bem sabe! (*esfregando com as costas da mão o outro olho com voz de quem chora*). Sim, se eu não fosse desde a minha mais tenra idade um espelho, tipo, ou sombra de vergonha e de acanhamento, eu diria (*virando-se para o público*): Já não quer dormir comigo! Feio! (*saindo da sala*) mau! velho! rabugento! Tãobém não te quero mais, fedorento!

MATEUS – Mas (*voltando-se para o fundo*), e as meninas, onde estão!? Onde? Onde? (*Puxa a cabeleira.*) Pêdra! Catarina! Silvestra! (*Escuta um pouco.*) Nenhuma aparece! Cruéis! Fariam o mesmo que a Mãe!? Fugiriam de mim!? Coitado! Pobre de quem é velho! As mulheres fogem, e as filhas desaparecem!

Cena Segunda

PÊDRA (*entrando*) – O que é, Papaizinho? O que é que quer? O que tem? Sucedeu-lhe alguma cousa? Não? (*Pegando-lhe no braço.*)

MATEUS (*como acordando-se de um sonho.*) – Hem? (*Esfregando os olhos.*) Hem? O que

é? Que é? Chegou alguém? Eu estava, aqui estava.

PÊDRA – Que tem, meu Pai?

MATEUS (*assoando-se sem tocar no nariz, e olhando*) – Vejam o que é ser velho!

Menina, menina, já que estás aqui, dá-me um lenço; anda (*pegando nos braços da filha*), anda, minha queridinha; vê um lenço para o vosso velho paizinho! Sim; sim; vai; vai; anda. (*Fazendo-a caminhar.*)

PÊDRA (*voltando-se*) – Também este meu Pai cada vez fica mais porco! Por isso é que a

minha mãe já enjoou ele tanto, que nem o pode ver! (*Saindo.*) Eu já vou buscar! Espere um minuto (*com as mãos, fazendo-o parar*), já venho, Papai! Já venho, e vou buscar-lhe um dos mais lindos (*com ar gracioso*) que encontrar em meu guarda-roupa, ouviu, Papai? Ouviu?

MATEUS – Sim, sim; já ouvi. Tu sempre foste o encanto dos meus olhos; o sonho de todos os meus momentos... (*Entra outra.*) Esta menina (*voltado para o povo*) é os encantos da imaginação desta cabeça (*batendo com as mãos, uma de cada lado da cabeça*) e objeto que ao ver, me enche (*apalpando o coração*) este coração de alegria!

CATARINA – E eu, Papai? E eu, então não mereço alguma?!

MATEUS (*voltando-se e olhando para Catarina*) – Minha querida Filha! Minha querida

Catarina! (*Abraçando-a* .) És tu, oh! Quanto me apraz ver-te! Se tu soubesses, queridíssima Filha, quão grande é o prazer que banha (*inclinando [-se] e levando a mão ao peito*) este peito! Sim (*tornando a abraçá-la*), tu és um dos entes que fazem com que eu preze a velha existência, ainda por alguns dias! Sim sim, sim! Tu, tua sábia irmã Pêdra; e... e aquela que ainda hoje não tive a fortuna de ver, a tua mais que simpática irmã Silvestra; - são todas três os Anjos que me amparam; que me alimentam o corpo e a lama; por que, e para quem vivo; e morreria, se fosse mister!

(*Entra Silvestra, aos pulinhos, e Pêdra, fazendo passos de dança.*)

SILVESTRA – Papaizinho do meu coração! (*abraçando-o pelas pernas.*) Você é o meu tudo! Olhe, Papaizinho: eu sonhei que o Sr. queria um lenço, e corri! Tomei este que a mana Catarina lhe trazia, e lhe truce!

MATEUS – Quanto sou feliz! (*Pega o lenço e enxuga os olhos.*)

CATARINA (*à parte, e com expressão de dor*) – Ele disse que a outra era simpática; e de

mim nem ao menos diz que sou formosa. Sempre é velho: não sabe agradar a todos!

PÊDRA – Papai! Eu não fui portadora do que me pediu, porque a Silvestra é muito velhaca, e muito ligeira! Assim que me viu com o lenço na mão, tomou-m'ô, e correu para trazer-lhe primeiro que eu!

SILVESTRA – É porque eu quero (*dando com a mão na irmã*) mais bem ao Papai do que

Você; aí está!

PÊDRA – Pois não! Não vê que a Sra. já pesou os graus de amor que em meu coração eu consagro a meu Pai...

SILVESTRA – Não preciso pesar! Olhe: no seu coração existe certa força ou quantidade

de amor consagrado (*afagando com as mãos*) ao papaizinho! E em mim, todo o meu coração é puro amor a ele tributado!

PÊDRA – Vejam só (*com aspecto impertinente, desgostoso; rosto franzido, pondo a cabeça de um lado, etc.*) como é retórica! Não pensei que a Sra. estivesse tão adiantada! Não estudou; não se preparou hoje tãoobém em seus velhos alfarrábios de filosofia!?! Se não se preparou, para outra vez prepare-se, e veja se ganha mais um afeto do papai!

CATARINA (*acomodando-as*) – Meninas! (*pegando no braço de uma e de outra*) acomodem-se; vocês parecem nenês!

MATEUS – Meus anjos (*tãobém querendo acomodá-las*). Minhas santas; minhas virgens... não quero que briguem, porque isso me desgosta. Sabem que já sou velho e que os velhos são sempre mais sensíveis que os moços... Quero vê-las contentes; contentezinhas; ao contrário fico triste.

PÊDRA E CATARINA (*formando com as mãos pegadas umas nas outras um círculo em*

roda do pai.) – Nosso Papaizinho! Não há de se desgostar; não há de chorar (*dançando*). Nós havemos de amparar o nosso querido Papai. (*Um para as outras:*) Vamos; pulemos; dancemos; e cantemos: todos! Todos a uma só voz. (*O Pai vira-se ora para uma, ora para outra, cheio do maior contentamento: o sorriso não lhe sai dos lábios; os olhos são ternos; a face se franze de prazer; quer falar, e apenas diz:*) Meu Deus! Eu sou; eu sou tão feliz! que... Sim, sou; sou muito feliz!

(*As filhas cantam:*)

Nós somos três anjinhos;
E quatro éramos nós,
Que do céu descemos;
E o amor procuremos:
Mataremos ao algoz
Destes dois nossos paizinhos!

Sempre fomos bem tratadas
Quer deste, quer daquela:
Não queremos que a maldade,
Para nossa felicidade,
Maltrate a ele ou a ela...
Mataremos tresloucadas!

Não somos só anjos
Que assim pensamos;
Que assim praticamos;
Tãobém são os arcanjos!

De principados – exércitos
Temos também de virtudes!

De tronos! Não mudes,
Papai! Vivam as ordens!

Para debelarmos facínoras!
Para triunfarem direitos,
As armas temos nos peitos!
A força de milhões d'espíritos!

(Terminado o canto, abraçarão todas o Pai, e este a elas, banhados todos na maior

efusão de júbilo.)

PÊDRA (*para o pai*) – Agora, Papai, vamos coser, bordar, fiar; fazer renda. (*Para as irmãs:*) Vamos, Meninas; a Mamãe já há de Ter a nossa tarefa pronta para nos dar trabalho!

CATARINA- Ainda é cedo; eu não ouvi dar oito horas; e o nosso trabalho sempre principia às nove.

SILVESTRA – Eu não sei o que fazer hoje: se bordar, se fiar, ou se crivar!

PÊDRA – Por bem de Deus, você nunca sabe o que há de fazer!

SILVESTRA (*olhando-a com certo ar de indiferença*) – Se te parece, minha querida Maninha, chama-me de preguiçosa!

PÊDRA – Não; isso eu não digo, porque a Sra. deu as mais delumbrantes provas de que há

de vir a ser lá... (*elevando a mão*) para o futuro uma moça das mais trabalhadoras que eu conheço! E ainda hoje disso deu segurança no jardim do quintal, em que não ficava flor que não fosse pela Sra. cultivada!

SILVESTRA – Inda bem que a Sra. sabe, e faz-me o obséquio de dizer! E se eu o não fora

ainda, não era de admirar; pois não conto mais de nove a dez anos de idade.

MATEUS (*voltando-se para Silvestra*) – Pois a Sra. esteve no quintal?

SILVESTRA – Pois então, Papai; eu não havia de ir cortar, arrancar todas as ervas perniciosas, que crescendo destroem as plantas, as flores preciosas ?

MATEUS (*com muita alegria, pegando a filha*) – Filha! Filha minha! Vem a meus braços!

(Abraça-a e beija-a muitas vezes.) Fazes, minha muito amada Silvestra, o que Deus faz aos Governos! O que os bons Governos fazem aos Governados! Prendem; castigam; melhoram; ou inutilizam os maus – para que não ofendam, nem prejudiquem os bons! E vocês (*para as outras*), o que faziam, durante o tempo em que minha inteligente Silvestra procedia com tanto acerto, praticando uma tão meritória ação e digna dos maiores elogios?

PÊDRA E CATARINA (*quase ao mesmo tempo*) – Eu regava as plantas e flores, com a mais fresca e cristalina água, a fim de que crescessem e dasabrochassem – perfeitas e puras! (*Isto disse Catarina*)

PÊDRA - Eu, Papai, mudava algumas e plantava outras.

MATEUS – Já vejo que todas trabalharam muito! Hei de fazer a cada uma das Sras. O mais lindo presente! (*Movendo a cabeça – inclinando-a.*) Isto é, quando eu sair à rua! Pois bem sabem que eu aqui não tenho com que lhes presentear.

PÊDRA – Eu quero... quero: o que há de ser? (*Levantando algum tanto a cabeça.*) Uma boneca de cera, do tamanho da (*apontando*) Silvestra! E toda vestida de seda, ouviu, Papai? Com brincos, adereço... O Sr. sabe como se vestem as moças que se casam; assim é que eu quero! Não se esqueça; não se esqueça de comprar e me trazer assim. Olhe (*batendo-lhe a mão no braço*), se na loja do Pacífico não tiver, tem na do Leite, na do Rodolfo, ou do Paradedá.

SILVESTRA – Eu me contento com menos! Quero um vestido de seda, lavrada a barra, e

as mangas a fio de ouro; com blonds, e tudo o mais que se usar, do mesmo fio, ou daquilo que for mais moderno.

MATEUS (*para Silvestra*) – Contentas-te só com isso? Não queres sapatos de seda, botinhas de veludo também bordadas de ouro, ou enfeite fino para a cabeça?

SILVESTRA – Não, Papai; basta o vestido; o mais tudo eu tenho muito bom, e em estado

de poder servir com o lindo vestido que lhe peço. Sempre gostei da economia; e sempre aborreci a prodigalidade!

MATEUS – Estimo muito; é o mais fiel retrato da moral do velho Mateus! (*Para Catarina:*) E a Sra., que está tão calada! Então, não pede nada?

CATARINA – As manas já pediram tanto, que eu não sei o que lhe hei de pedir; parece que tudo há de custar tanto dinheiro, que se o Sr. não tivesse ainda há pouco tirado a sorte grande na loteria do Rio de Janeiro, eu acreditaria – que teria de vender a cabeleira, para satisfazer tantos pedidos!

MATEUS – Não; não, menina! O que elas pedem custa pouco comparativamente aos meus

e vossos rendimentos. Diga, diga: o que mais estimará que eu lhe traga, para comprar e trazer-lhe?!

CATARINA – Pois bem; em vou dizer-lhe: mas V. Mcê não se há de zangar.

MATEUS – Não; não; peça o que quiser, que eu com muito prazer lhe trago!

CATARINA – Pois então, visto que tem gosto em me fazer um presente... Até se eu não tivesse de ir a um batizado à casa da minha amiga e comadre D. Leocádia das Neves Navarro e Souto, eu não diria o que mais preciso, e quero que me dê... É um ramalhete das mais delicadas flores que se costumavam vender nas lojas das modistas francesas e alemãs.

MATEUS – E levou tanto tempo para pedir uma cousa de tão pouco valor!?

CATARINA – Não é de muito pequeno valor! O que eu quero é de uns muito mimosos, cujo preço sobe a dez ou doze mil-réis!

MATEUS – Pois então, isso é muito barato! Mas como é o que me pede, fique certa que há

de ser servida, tanto mais que tem a intenção de se apresentar com ele em um baile, batizado, ou não sei que festa!

CATARINA – É quanto basta; e com ele ficarei muito contente!

MATEUSA (*entra rengueando, revirando os olhos, e fazendo mil trejeitos; as filhas que a*

observam dizem umas para as outras) – Aí vem a Mamãe! – (*Quase em segredo, rapidamente:*) Olhem a Mamãe! Vamos! Vamos! Já são nove horas! (*Para o pai:*) Papai! Não se esqueça das nossas encomendas, como nós não nos

esquecemos d'orar a Deus para que prolongue seus dias; e que estes sejam felizes! Até logo à hora do jantar (*e fazendo uma profunda cortezia, depois de lhes beijarem a mão, pegando nas saias dos vestidos*), que é quando poderemos ter o inexprimível prazer de passar alguns preciosos momentos em sua estimável companhia.

Cena Terceira

MATEUSA (*aproximando-se às filhas*) – Vão meninas, vão fazer a sua costura! Está tudo

marchando! Cada uma das Sras. Tem na sua almofada o pano, a linha, a agulha; e tudo o mais que é necessário para trabalhar até às 2 da tarde. O que é de abordar para a Pêdra, está desenhado a lápis; os picados para a Catarina, estão alinhavados; e a costura lisa, a camisa deste velho feio (*batendo no ombro do marido*) está começada. Tenham cuidado: façam tudo muito bem feitinho.

CATARINA, PÊDRA E SILVESTRA – Como sabe, somos obedientes filhas; deve por isso contar que assim havemos de fazer. (*Saem.*)

MATEUSA (*para o marido, batendo-lhe no ombro*) – Já sei que está repassado de prazer!

Esteve com suas queridas filhinhas mais de duas horas! E eu lá, sofrendo as maiores saudades!

MATEUS – É verdade, minha querida Mateusa (*batendo-lhe também no ombro*), mas, antes de te dizer o que pretendia, confessa-me: Por que não quiseste tu o teu nome de batismo, que te foi posto por teus falecidos Pais?

MATEUSA – Porque achei muito feio o nome Jônatas que me puseram; e então preferi o

de Mateusa, que bem casa com o teu!

MATEUS – Sempre és mulher! E não sei o que me pareces depois que ficaste velha e rabugenta!

MATEUSA (*recuando um pouco*) – És bem atrevido! De repente, e quando não esperares,

hei de tomar a mais justa vingança das grosserias, das du[r]as afrontas com que costumavas insultar-me!

MATEUS (*aproximando-se e ela recuando*)

MATEUSA – Não se chegue para mim (*pondo as mãos na cintura e arregaçando os punhos*) que eu não sou mais sua! Não o quero mais! Já tenho outro com quem pretendo viver mais felizes dias!

MATEUS (*correndo a abraçá-la apressadamente*) – Minha queridinha; minha velhinha! Minha companheirinha de mais de 50 anos (*agarrando-a*), por quem és, não fujas de mim, do vosso velhinho! E as nossas queridas filhinhas! Que seriam delas, se nós nos separássemos; se tu buscasses, depois de velha e feia, outro marido, ainda que moço e bonito! Que seria de mim? Que seria de ti? Não! Não! Tu jamais me deixarás. (*Tanto se abraçam; agarram; pegam, beijam-se, que cai um por cima do outro.*) Ai! Que quase quebrei uma perna! Esta velha é o diabo! Sempre mostra que é velha e renga! (*Querem erguer-se sem poder.*) Isto é o

diabo!...

MATEUSA (*levantando-se, querendo fazê-lo apressadamente e sem poder, cobrindo as*

pernas que, com o tombo, ficaram algum tanto descobertas) – É isto, este velho! Pois não querem ver só a cara dele? Parece-me o diabo em figura humana! Estou tonta.. Nunca mais, nunca mais hei de aturar este carneiro velho, e já sem guampas! (*Ambos levantaram-se muito devagar; a muito custo; e sempre praguejando um contra o outro. Mateusa, fazendo menção ou dando no ar ora com uma, ora com outra mão:*) Hei de ir-me embora; hei de ir; hei de ir!

MATEUS – Não há de ir; não há de ir; não há de ir porque eu não quero que vá! Você é minha mulher; e pelas leis tanto civis como canônicas, tem obrigação de me amar e de me aturar; de comigo viver, até eu me aborrecer! (*Bate com um pé.*) Há de! Há de! Há de!

MATEUSA – Não hei de! Não hei de! Não hei de! Quem sabe se eu sou sua escrava!? É muito gracioso, e até atrevido! querer cercear a minha liberdade! E ainda me fala em Leis da Igreja e civis, como se alguém fizesse caso de papéis borrados! Quem é que se importa hoje com Leis (*atirando-lhe com o ‘Código Criminal’*), Sr. banana! Bem mostra que é filho dum lavrador de Viana! Pegue lá o Código Criminal, - traste velho em que os Doutores cospem e escarram todos os dias, como se fosse uma nojenta escarradeira!

MATEUS (*espremendo-se todo, abaixa-se levanta o livro e diz à mulher*) – Obrigado pelo

presente: adivinhou ser cousa de que eu muito necessitava! (*Mete-o na algibeira. À parte:*) Ao menos servirá para algumas vezes servir-me de suas folhas, uma em cada dia que estas tripas (*pondo a mão na barriga*) me revelarem a necessidade de ir à latrina.

MATEUSA – Ah! já sabe que isso não vale cousa alguma; e principalmente para as Autoridades – para que tem dinheiro! Estimo muito; muito; e muito! (*Pega em um outro – a ‘Constituição do Império’ e atira-lhe na cara.*)

MATEUS (*gritando*) – Ai! cuidado quando atirar, Sra. D. Mateusa! Não continuo a aceitar

seus presentes, se com eles me quiser quebar o nariz! (*Apalpa este, e diz:*) Não partiu, não quebrou, não entortou! (*E como o nariz tem parte de cera, fica com ele assaz torto. Ainda não acaba de endireitá-lo, Mateusa atira-lhe com outro de ‘História Sagrada’, que lhe bate numa orelha postiça, e que por isso com a pancada cai; dizendo-he:*) Eis o terceiro e último que lhe dou para... os fins que o Sr. quiser aplicar!

MATEUS (*ao sentir a pancada, grita*) – Ai que fiquei sem orelha! Ai! Ai! Ai! Onde cairia? (*Atirando os livros na velha e com raiva.*) Por mais que recomendasse a esta endemoninhada que não queria presentes caros, este demônio havia de quebrar-me o nariz e pôr-me fora uma orelha! Ó Mateusa do diabo! Com quê, partes desta casa sem eu ir amanhã ao baile masquê, visitar as Pavoas!? e...

MATEUSA (*batendo o pé*) – Cachorro! Ainda me fala em pavoas, e em baile masquê!? Traste! Ordinário! Já... rua, seu maroto!

MATEUS (*voltando-se para o público*) – Já se viu que escaler velho mais impertinente! Esperem que eu lhe boto cavernas novas! (*Procurando uma bengala.*) Achei! (

Com a bengala em punho) Já que a Sra. não faz caso da lei escrita! falada! e jurada! há de fazer da lei cacetada! paulada! ou bengalada! *(Bate com a bengala no chão.)*

MATEUSA – Ah! dessa lei, sim, tenho medo. *(À parte.)* Mas ele não pode comigo, porque

eu sou mais leve que ele; tenho melhor vista ; e pulo mais. *(Pega em uma cadeira e dá-lhe com ela, dizendo:)* Ora tome lá! *(Ele apara a pancada com a bengala, encolhendo-se todo; enfia esta na cadeira; empurram para lá, empurram para cá.)*

CATARINA, PÊDRA E SILVESTRA *(aparecendo na porta dos fundos; umas para as outras)* – Vai lá! *(Empurrando. Outra:)* Vai tu apartar! *(Outra:)* Eu, não; quando eles estão assim, eu tenho medo, porque sou pequenina!

MATEUS – Ai! eu caio! Quem me acode! Perdi o queixo!

MATEUSA *(gritando e correndo)* – Ai! eu esfolei um braço, mas deixo-lhe a cadeira enfiada na cabeça! *(Quer assim fazer e fugir, mas Mateus atira-lhe a cadeira às pernas; ela tropeça e cai; ele vai acudi-la; quer correr; as filhas convidam-se a fugir; ele cai aos pés da velha).*

BARRIÔS *(o criado)* - Eis, Srs., as conseqüências funestas que aos administrados ou como tais considerados, traz o desrespeito das Autoridades aos direitos destes; e com tal proceder aos seus próprios direitos: - A descrença das mais sábias instituições, em vez de só a terem nesta ou naquela autoridade que as não cumpre, nem faz cumprir! – A luta do mais forte contra o mais fraco! Finalmente, - a destruição em vez da edificação! O regresso, em vez do progresso!

FIM DA COMÉDIA

Porto Alegre, maio 12 de 1866.

Beco do Rosário, sobrado de 3 janelas, nº 21.

PELO RIO-GRANDENSE –

JOSÉ JOAQUIM DE CAMPOS LEÃO, QORPO-SANTO; AOS 37 ANOS DE IDADE.